

IMPORTÂNCIA DO SILÊNCIO

Profa. Dra. Maria Suzett Biembengut Santade¹

1

No silêncio de nosso ser, escutamos melhor o barulho de nossa mente, de nossos ruídos corporais e, assim, poderemos esvaziar a poluição interna para, durante a reflexão, escrevermos para sermos lidos...

O engraçado é que há até o dia do silêncio (dia 7 de maio) mas muitas vezes nem compreendemos que nossa riqueza está no mergulho da essência quieta de nosso ser... E bem aí está a sabedoria do conhecimento... Precisamos de silêncio para escrevermos e refletirmos no que está acumulado e salvo em nosso cérebro e espreado em nossa mente e também expandido pela consciência que nos envolve em constante movimento...

Quando nos encontramos dentro do saber compartilhado em livro, sentimo-nos humanizados pois os saberes conectados deixam-nos maiores e melhores...

O legado primordial deixado e a ser deixado pelos pesquisadores é a linguagem, seja ela escrita seja oralizada (*hoje também registradas nas bibliotecas virtuais*) para os seguidores. Mas o maior *link* é o processo entre a escrita e a leitura desses ensinamentos em contínua pesquisa atualizada...

Revedo os artigos escritos nesta Revista, encontramos-nos e somamo-nos formando a descoberta de cada um e de todos nós porque os saberes entrelaçam-se formando a totalidade desse encontro. Parafraseando Edgar Morin, a soma de cada parte forma o total, mas esse total transcende-se em totalidade, porque jamais seremos os mesmos depois de entendermos os saberes em leitor coletivo.

Sabemos hoje que cinquenta e cinco por cento da comunicação é *campo enérgico* (intenções de falar e a verdade do que se fala); sete por cento é *conteúdo*; e, as demais porcentagens são o colorido da voz, o timbre, a emoção e o contexto segundo Albert Mehrabian em seu livro *Silent Messages*. Em uma leitura, recebemos os sete por cento do conteúdo, o resto intercambia pelas intenções nos múltiplos silêncios de nosso ser.

Eis a questão: **o que é o silêncio?** Nosso corpo no silêncio linguístico se molda de modo transversal nas linguagens várias, como expressões faciais e físicas de

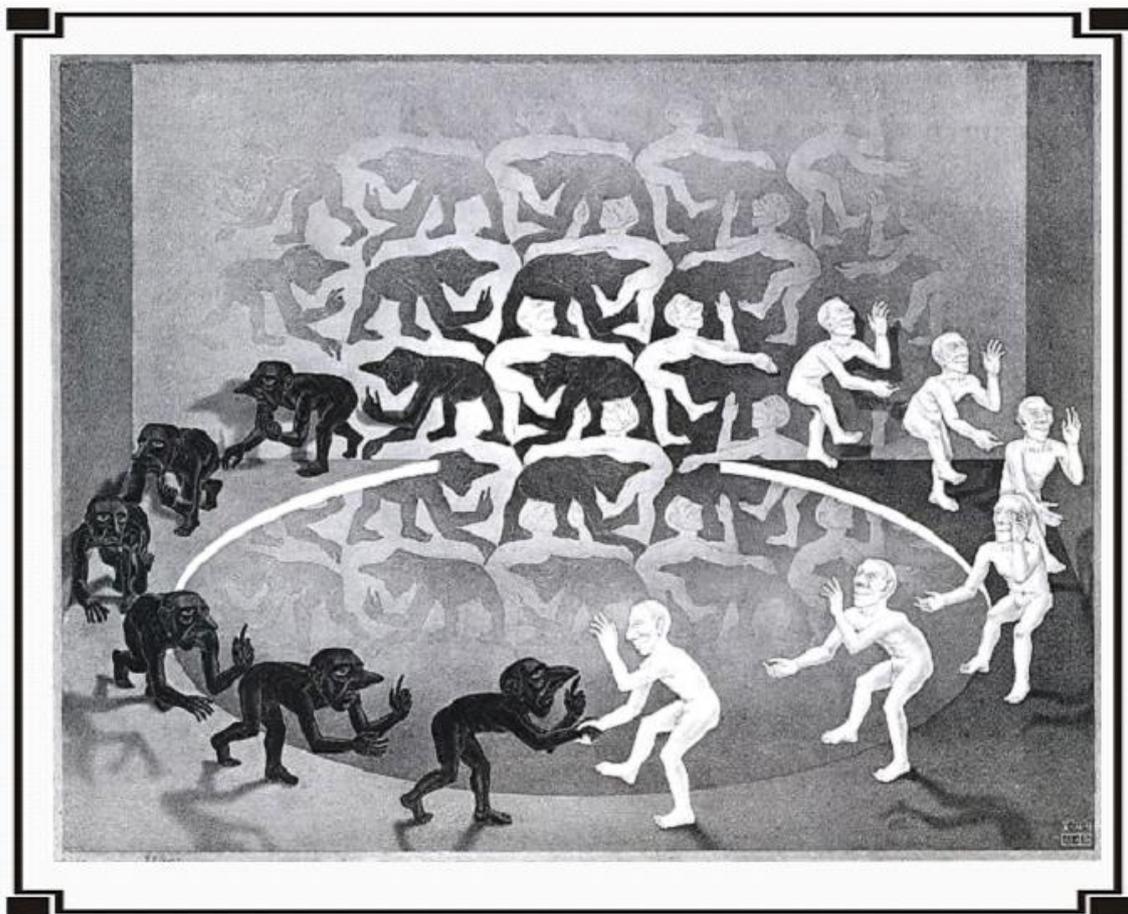
¹ Professora Titular de Linguística, Língua Portuguesa e Língua Latina e Coordenadora do Curso de Letras: Graduação e Pós-graduação (FIMI-Mogi Guaçu-SP) e Professora Titular de Comunicação, Língua e Linguagem (FMPFM-Mogi Guaçu-SP). Pós-doutora em Letras (UERJ-Rio de Janeiro, 2006). Pós-doutora em Educação: Ensino do Português (UMINHO-Portugal, 2008). Doutora em Educação (UNIMEP, 2002). Mestre em Educação: Formação de Professores (PUC-CAMP, 1998). Graduação em Letras Vernáculas: Francês e Inglês (FFCL-UNESP). Graduação em Pedagogia com Administração e Orientação Escolar (FFCL-Amparo-SP). Graduação em Pedagogia com Supervisão Escolar (FFCL-Ouro Fino-MG). Membro dos Grupos: SELEPROT e Crítica Textual e Edição de Textos (UERJ-Rio de Janeiro).

compreensão, de concorde, de negação, dentre outras, conforme o leitor do agora está fazendo neste editorial.

E, assim, ***onde se encontra o melhor silêncio?*** A resposta a essa questão não é simples. Talvez esteja na humildade de encontrar em si mesmo na sabedoria acumulada a qual deva estar em movimento pelas leituras diversas na *multiversalidade* do saber sem apego.

Ancorando-me em minha tese de doutoramento pelo quadro *The Encounter* do pintor Escher, concluo esse sinóptico editorial, que a *Luz* transforme sua arcada *Sombra* para juntas se encontrarem com as mãos dadas, em círculo, durante a transformação de sua *Sapiência*.

The Encounter (1944).



Artista: M. C. Escher (Dutch, 1898–1972).

